

GT 051. Performances e marcas da religião na cidade Emerson Giumbelli (UFRGS) - Coordenador/a, Edilson Pereira (UERI) - Coordenador/a, Christina Vital da Cunha (Universidade Federal Fluminense)

- Debatedor/a o tema da religi?o encontra na Antropologia uma longa tradi??o, com pesquisas seminais sobre o seu papel na vida social e suas formas de express?o material e simb?lica. Performance, por sua vez, tornou-se tema de estudo antropol?gico especialmente nas ?ltimas d?cadas do s?c. XX, em prof?cuo di?logo com outros campos de conhecimento. Notabilizou-se, sobretudo desde os anos 1990, a presen?a da religi?o em gram?ticas e est?ticas acionadas por atores identificados com os mundos da pol?tica, da cultura, do turismo, do crime em intera?es materializadas e/ou que se desenrolam em ??reas p?blicas?, periferias e outros espa?os citadinos. Ao aproximar esses temas, o GT busca avan?ar sobre fronteiras conceituais e metodol?gicas na investiga??o de modalidades de a??o e comunica??o no espa?o urbano, dando ?nfase a performances e materialidades. Trata-se de uma via de acesso aos processos sociais que refletem o papel da religi?o na experi?ncia urbana e nas modalidades de compreens?o da cidade. Deste modo, interessam-nos estudos etnogr?ficos que enfatizem composi?es, conex?es, controv?rsias e disputas entre atores sociais que articulam espa?o urbano e religi?o a partir de performances e marcas (monumentos, arquiteturas etc.) com inflex?es mais amplas na vida social. Nosso objetivo ? reunir estudiosos que, interessados em din?micas do religioso da e na cidade, apresentem abordagens criativas sobre movimentos e intersec?es performadas entre valores, est?ticas, territ?rios e temporalidades.

Performances, marcas e ruínas da cidade no sagrado transgressor de Linn da Quebrada e Baco Exu do Blues

Autoria: Paola Lins de Oliveira

Linn da Quebrada, artista multimídia, lança em 2017 o álbum Pajubá combinando rap e funk. No mesmo ano, Baco Exu do Blues, nome artístico de Diogo Moncorvo, cantor, rapper e compositor, lança seu primeiro álbum solo, Esú. Os nomes prefaciam alguns dos seus sentidos sagrados: Pajubá é um vocabulário combinando língua portuguesa e línguas africanas usado por praticantes de religiões afro-brasileiras e pela comunidade LGBT; Esú é a grafia de Exu em Iorubá, orixá associado à comunicação, à encruzilhada. Os sinais sagrados se multiplicam em diversas músicas dos álbuns. Entre versos contundentes que denunciam o extermínio das travestis e transexuais (?Baseado em carne viva e fatos reais/É o sangue dos meus que escorre pelas marginais? ? Bomba pra caralho), e que afirmam a importância do enfrentamento (?ser bicha não é só dar o cu é também poder resistir? ? Muito talento), Linn aborda o sagrado em Blasfêmea, título do clipe da música Mulher. Nele, performa uma travesti em becos escuros. A voz em off recita: ?De noite pelas calçadas/Andando de esquina em esquina/Não é homem nem mulher/É uma trava feminina/Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios/Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação/É favela, garagem, esgoto?. Em uma entrevista, a artista explica: ?blasFêmea é um ato profano de ocupação e invasão?. Trazendo Exu no nome, combinado com o deus romano do vinho e da festa, Baco Exu do Blues mescla mitologias afro-brasileiras, romanas e nórdicas para falar de vida, morte, divino, humano, racismo, violência, sexo e amor. É nas ruas da cidade que Baco vive parte das experiências que traz em suas músicas. Nelas, canta o torpor da vida minada pelo racismo (?Todo morto é negro/Vocês são cegos/Meu som é o braile do gueto? ? Abre Caminho); a sede de justiça culminando em um juízo final (?Vi os prédios subindo/A mata acabando/Aproveitei e arranhei o céu/ Vi minha raça sumindo/Vocês nos matando/Aproveitei e levei todos pro céu? - idem), entre outras referências. Na canção que dá nome ao álbum, Baco anuncia a autosacralização pela via do temor (?Sinto que os deuses têm medo de mim/Medo de mim/Metade homem, metade deus e os

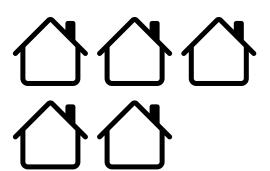
dois/Sentem medo de mim [...]/ O mundo é fruto da nossa imaginação/ Será que somos deuses ou sua criação? ? Esú). É nas ruas que Linn e Baco vislumbram a morte, a violência, o risco de aniquilação. Nelas experimentam o medo e também o desejo, ao mesmo tempo em que inspiram medo e desejo, acionando o mecanismo de atração e repulsão de um sagrado ambíguo e transgressor. É também na rua que vivenciam uma potência transgressora e blasfema que os impulsiona à resistência e re-existência. A proposta é recuperar os contornos desse sagrado contrahegemônico que emerge principalmente no espaço urbano, à margem do sagrado hegemônico.

31ª RBA - Reunião Brasileira de Antropologia

Realização:



Apoio:



Organização:

